

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesse

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA

Vida Administrativa Com a devida vénia...

É, sem dúvida, o Código Administrativo, há meses promulgado, um diploma de excepcional importância, porventura o de mais vasto alcance e de mais complexos efeitos de quantos nestes últimos anos têm sido postos em vigor no nosso País.

Uma total remodelação abrange todos os ramos da organização administrativa, até então subordinada a leis extravagantes que provocavam dispersão, falta de segurança, inconsequência, a ponto de os mais estudiosos se verem, muitas vezes, em face de problemas de bem pouca monta, seriamente embaraçados, tantas as dificuldades que se lhes antolhavam.

O Código vem iniciar uma nova era.

Divide-se o território do Continente de uma maneira mais consentânea com os imperativos de ordem histórica e, sobretudo, com as necessidades e os interesses das diversas regiões, e fixam-se, de forma ordenada, sistemática, a competência dos diversos corpos administrativos; definem-se e regulamentam-se a situação, deveres e direitos de funcionários e assalariados; disposições que a prática e a conveniência de há muito impunham estabelecem os princípios a que hão-de obedecer as finanças locais; finalmente, a matéria relativa ao contencioso administrativo merece cuidado especial.

Torna-se absolutamente indispensável que todos conheçam, embora sucintamente, o sistema deste transcendente diploma e as suas mais importantes determinações.

E' preciso, numa palavra, que todos saibam, sequer rudimentarmente, a lei em que vivem, tanto mais que, dentro de pouco, os cidadãos chefes de família vão ser chamados ao cumprimento do dever de eleger as juntas de freguesia, incumbência que privativamente lhes compete.

Sem pretensões a fazer obra valiosa, e tão somente no desejo de esclarecer, de maneira simples e apreensível, os nossos leitores, iremos, em números sucessivos, abordando os pontos essenciais da actual mecânica administrativa, procurando dar dela, quanto possível, um panorama exacto.

Creemos que deste modo contribuiremos proficuamente para uma divulgação cuja utilidade desnecessário se torna encarecer.

Norteados pelo supremo desejo de bem servir, o *Notícias de Guimarães* satisfazer-se-á plenamente se a pequena mas meritória obra que se propõe efectuar merecer o aplauso e a estima dos seus leitores, a quem ela é, afinal, exclusivamente dedicada.

As regateiras

Anda meia cidade indignada com o desafio das regateiras! Apesar da vigilância dos pretensos «olheiros» e do clamor que se vem ouvindo da população citadina, a Praça do Mercado continua servindo de teatro às suas intoleráveis maquinações e parece não haver força capaz de conseguir meter na ordem devida aquela maliciada praga que, a mal dos não protegidos da fortuna, se esforça por complicar cada vez mais os orçamentos caseiros. A quem pedir providências?

O problema da habitação

E' do domínio público que o problema da habitação, em Guimarães, está longe de corresponder às necessidades populacionais.

Em vez de viver-se, vegeta-se — e como flagrante exemplo, basta observar a que se passa no velho Teatro de D. Afonso Henriques, onde mal se acoitam dezenas de famílias a viver numa promiscuidade de causar dó aos próprios animais.

Atitude louvável

A' solicitação feita para que o mictório do lado nascente do

Jardim Público seja dali transferido para o lugar de maior recato, chega-nos a informação de que o muito digno Vice-Presidente da Câmara, sr. Capitão de Magalhães e Couto já verificou *in loco* os inconvenientes da situação de tal mictório.

Óxala que em breve o vejamos transferido, para inteira satisfação dos moradores do largo que fica fronteiro.

Reflexão

A tragédia data de há poucos dias.

Em Famalicão, quando pretendiam acorrer ao local onde delagava um incêndio para cuja extinção foram chamados os seus socorros, duas viaturas dos bombeiros locais provocaram a morte de cinco pessoas — duas mulheres e três crianças — e o ferimento de outros mais, em número elevado.

Desastre, sem dúvida, que estas coisas não se produzem por vontade de ninguém.

Fizemos, porém, sobre o caso, entre outras, esta reflexão, que nos parece absolutamente lógica e profundamente humana: — a ansia generosa de salvar a vida e os bens do próximo não é, de modo algum, incompatível com a prudência.

Guimarães em Setecentos — (9) —

Rua das Molianas —

João da Silva
Angela Ribeiro
Manuel Vieira
Isabel Antunes
O Caseiro de João de Almeida
Manuel da Rocha
Domingos Leite — Mesteiral
Joaquim Pereira — Oleiro
Ana da Silva
A Viúva de Agostinho de Sousa
O Caseiro das casas de António Lopes
Catarina de Araújo
Maria Mendes — Viúva
Manuel Francisco — Carpinteiro
Francisco de Oliveira — Pintor
Manuel Nogueira
O Caseiro das casas da *Pacheca*
Gusnã Ferreira
Frutuoso Pereira
Sebastião Francisco
O Caseiro de Dâmaso Fernandes da Costa

Freguesia de S. Paio:

Rua de S. Paio —

Maria da Silva
Francisco Ribeiro — Sombreiroiro
Salvador Fernandes
Angela da Costa — Viúva
Francisco de Oliveira — Sapateiro
Paula Antunes — Viúva
Cosme da Cunha
Maria Cardoso
Simão Francisco — Marchante de carneiro
Jerónimo Fernandes
O Caseiro acima — Sapateiro

Rua Rochela —

O Caseiro das casas de Dionísio de Oliveira
Manuel Antunes — Sombreiroiro
Domingos Ferreira
Mateus Fernandes
Margarida de Oliveira — Tendeira.

Segredos são escravos rebeldes, que mais amido se tornam senhores; por mais fundos que os tragas, eles sobem à tona quando mal pensas; se lhes cerras os lábios, falam pelos olhos.

A alma feliz é flor a desabrochar: tem um perfume que rescende.

J. de Alencar.

O bom *Dicionário de Francisco Torrinha* define a mui conhecida palavra *graveto*: «Fragmento de lenha miúda, gravato. *Bras.* Arvore silvestre cuja madeira serve para caixaria». A aceção geral está correcta. Mas falta-lhe qualquer coisa, uma outra significação em que a palavra é também geralmente usada. Esse qualquer coisa encontramos-lo no livro do escritor brasileiro de que extratamos aqueles pensamentos: *As Minas de Pratas de J. de Alencar*, 1.º vol. E' logo o começo do cap. XV: «O ramo de louro, antes graveto, de *tam seco e preto que era já*, suspenso à porta, indicava a taberna do *Braz*».

Há, na edição que temos presente, uma curiosidade muito pitoresca, anedótica, o efeito hilar de certa *gralha* tipográfica, escapada à revisão deficientíssima. O autor escreveu: «Pelas janelas das casas pendiam vistosas colxas da Índia com franjas e labores de preço». E' que havia festa grossa, ao raiar a primeira manhã do ano de 1609, na cidade do Salvador, antiga capital do Brasil, pela chegada do novo Governador D. Diogo de Meneses, mais tarde Conde da Ericeira. Pois a frase saiu assim: «Pelas janelas das casas pendiam vistosas *colxas* da Índia com franjas e labores de preço».

Um jornal da capital, ao princípio desta semana passada, tratava, em artigo de fundo, não assinado, do nosso folclore. O artigo intitulava-se *Alegria do Povo*, cousa que muito à moda anda de soar-se, agora.

Uma desconfiança temos: é a de que raramente o folclore despertará o riso sadio e franco que o artigo levanta, ou pelo menos acordou em nosso espírito. Logo na definição de folclore: «Por folclore entende-se o poema, canto, baile, indumentária, bruxedo, medicina, forma da casa e seu arranjo, superstições e o mais de representativo ou projecção plástica da alma popular». Prolixa, mas insuficiente. Palavras de mais e palavras de menos. Mas bom, bom — sem ser bombom de chocolate — é isto: «Quem queira saber o que se entende por um homem nativo de Portugal, formado pela alma milenária mediterrânea e atlântica, condicionada pela

terra, tem de beber e digerir (a água da Oliveira, perdão:) a água folclórica. Para isso necessário é que ela exista acessível, em fluxo permanente (co'a breca! ainda mais folclorismo do que a folclorização em que já andamos todos folclorizados?) para ser fácil de aproveitar». Até parece a *prosápia científica do naturalismo físico*, em que medra (sr. tipógrafo, cuidado!) o homem como a *tecla mais afinada do piano da Natureza!* Alegre ou meio de alegria o nosso Folclore? Talvez, para os sábios folcloristas. Mas nós, que vivemos povo e sentimos povo e sofremos povo, já-mais havíamos dado por essa alegria embandeirada e pirotécnica. Lá nos quer parecer que não é folclore, mas entrudada.

Criticas Pequenas

Continua a sua linda rota o pesquisador variegado e persistente do nosso Alberto Braga.

Há dous anos deixara nos a apreciar o uso dos *Maninhos*, quarto volume das suas *Curiosidades de Guimarães*.

Agora oferece-nos o *Teatro Vimaranesse* como quinto labor das suas investigações pacientes e criteriosas a enfaixar nas *Curiosidades*.

A' medida que o seu trabalho progride, sente-se o mais doce brincar da sua doce prosa e mais arrumado sentido do seu esforçado método de pesquisador!

As representações nos sobrados públicos, Bailes de representações em casas fidalgas, Festanças de regoijo público, Dramatizings e comediografos, Casas de espectáculos, são cinco interessantes capítulos formosamente ordenados e belamente documentados, vindo a rematar com *Grupos scénicos e Associações Recreativas* e enchendo as largas setenta e duas páginas que honrando a nossa *Revista* redobram mais e mais o valor etnográfico do Grande Amigo da nossa *Sociedade*.

6.

Mataduras

Está e estará!

Aquele ripado quando acabará?

Fechado ao domingo, jardim, foi chamado alcapão de pingo.

Apesar da chuva, a continuação das festas de v'rao, calçam como luva.

MARY COTTA.

Administrador do Concelho

Completo-se no passado dia 17 um ano que o sr. Tenente Artur da Silva Lameiras exerce o cargo de Administrador deste Concelho.

Um ano no desempenho de uma missão que ninguém pode dizer que não seja espinhosa e difícil, sobretudo quando no seu transcurso se revelam qualidades dignas de admiração e louvor, é facto que merece calorosas felicitações.

Daqui as dirigimos a S. Ex.ª, muito respeitosa e sinceras.

DESOLAÇÃO

Sinto-me só. Deus não me escuta. Existo? E existe em mim a alma, Deus, o amor?... — Faz-se um silêncio trágico ao redor, E nem amor, nem Deus, nem alma avisto!

Em vão quero rezar! E, se persisto, Murmuro preces pálidas, de cor... — Cai-me dos ombros, glacial, a dor, A' maneira da túnica de Cristo!

Meu coração gelou... A neve tomba Glacial, de leve... As asas duma pomba Sulcam de branco a noite da minha alma!

E a morte leva, num lençol de linho, O sonho e a vida ao pávido caminho Da eterna, irreel, profunda calma.

(Do livro «Lâmpada de Argila»)

AMÉRICO DURÃO.

Farpas

Porque gosto do Mar

Eu gosto muito do mar. E passo longas horas a contemplá-lo, alheado de tudo que não sejam os movimentos incessantes das suas ondas, quer quando elas são alterosas e ameaçadoras, quer quando elas brandamente se desfazem de encontro à areia da praia, num beijo suave e acariciador.

Por isso o nosso povo, em quadras singelas mas repassadas de sentimentalismo, diz, no seu cantar melodioso que

O mar também é casado
O mar também tem mulher.
E' casado com a areia,
Dá-lhe beijos quando quer.

Para mim nada vale a vida mundana que se vive nas praias; nem o passeio obrigatório para satisfazer a curiosidade investigadora dos que se instalam, tão comodamente quanto possível, às meias do *guarda-sol*; nem os bailes no Casino, onde todos os dias se estafa a mocidade *chic* que para aqui vem descansar, nem, enfim, as mil e uma variedades de distrações que a maior parte procura... para passar tempo.

Para mim existe no mar a maior sedução. E quando, nos rochedos passo uns momentos de meditação olhando as águas que se espreguiçam dolentemente por entre a penedia, recorro a figura austera do Infante de Sagres olhando também o mar, êle na ansia de lhe descobrir os maiores segredos, no desejo de o tornar a estrada larga da aventura por onde Portugal se lançou depois, afoitamente, à descoberta e conquista de mundos ignorados.

O mar é, como os *Lusiadas*, o cantor permanente das nossas glórias de outrora. Ele canta o esforço dos portugueses, as suas alegrias e as suas tristezas, as suas dôres e os seus sorrisos, numa canção que é de glória, que é de triunfo, que é verdadeira, que é autenticamente portuguesa.

Por isso eu gosto do mar. Por isso eu passo tempos infinitos a contemplá-lo, numa admiração que não cansa, antes conforta o meu coração de português.

Póvoa do Mar, 15 de Setembro de 1937.

X. X.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

Exemplo

Contaram já há dias os jornais chamados de grande circulação que, em França, numa aldeola da Bretanha, Carentoi, um pobre homem, horrivelmente mutilado, sem braços nem pernas, exercia quotidianamente, com o afino operoso de um qualquer proletário rijo de físico, o mister de carpinteiro, servindo-se dos dentes e das maxilas como os normais se servem dos braços e das pernas, e provendo, com o salário proveniente do seu honradíssimo e dignificante trabalho, ao sustento de numerosa família.

Porventura a notícia passou, entre as milhares das gazetas, sem provocar atenção de maior aos olhos desprevenidos dos leitores, desatentos a tudo quanto não seja carnificinas e desgraças.

Contudo, ela profundamente nos emocionou.

Que extraordinário exemplo o deste carpinteiro mutilado! Os desherdados e os ricos de fortuna — há uma riqueza que tudo supera: a do espírito — têm nesta notícia que não puderam ou não quiseram ler e sentir, matéria para largas congeminações e, talvez, para um salutar exame de consciência...

Acarinhar Guimarães é dever de todos os seus filhos.

Acto de Justiça

Tivemos ocasião, ao fazer sucinto relato do que foi a excursão à Póvoa, de felicitar a Comissão Executiva, que teve a seu cargo a organização da embaixada vimaranense, pelo êxito alcançado.

Seria imperdoável que não se destacasse, sem melindre para quem quer, a figura prestigiosa do eminente artista e ilustre professor, sr. José Pina, que com pertinácia, devoção e ilimitado interesse em ver bem colocado o nome de Guimarães, foi incansável e prodigioso de tacto e de diplomacia, suprimindo faltas, remediando desacertos, tudo orientando com o seu proverbial bom senso e a sua maneira afável, carinhosa, liabilíssima, de tratar os assuntos mais penosos.

Acto de pura justiça, aqui fica esta modesta, mas sentida homenagem a quem é de todos nós guia exemplar de civismo e de amor baírrista.

Da Penha

Manhã de névoa... — A «cova dos ladrões»... — Um problema local que o «Turismo», deve resolver: a regra do largo da estância.

Penha, 6. — O monte apareceu-nos esta manhã circundado de névoa muito baixa, enquanto cá em cima, o sol se mostrava vitorioso, doirando a estância com os seus raios luminosos. Do magnífico terraço do hotel, o panorama era surpreendente e único. Os montes pareciam ilhas a emergir, aqui e acolá, de um verdadeiro oceano. Dir-se-ia que a Penha era um enorme barco ancorado ao largo, aguardando o momento favorável para se aproximar da terra... Os criados do hotel — o Humberto e o José, — estavam extasiados a contemplar o soberbo espectáculo matinal, chamando para ele a atenção dos hóspedes, raros, que, a essa hora, já se encontravam a pé. O astro-rei foi pouco a pouco dominando a névoa, oferecendo-nos visões sempre novas de beleza e imprevisão — descobrindo-nos lentamente o matagal, um outeiro mais elevado e depois os montes até ali ocultos, com novos efeitos de luz e colorido. E durou mais de uma hora, este belo espectáculo do nascer do sol na serra, até que ao longe se foram vendo a seguir as serras elevadas que vão daqui até ao mar — destacando-se entre outras a silhueta azulada do Sameiro e o ativo campanário da sua igreja. A cidade só muito depois é que despertou da treva luminosa que a envolvia.

O amigo Vaz, fiel à sua promessa, fez-me percorrer hoje a primeira etapa dos caminhos «tenebrosos» da serra, desconhecidos, pode dizer-se, da maioria das pessoas que vêm visitar a Penha. Sem pressa, embrenhei-me por um verdadeiro labirinto de fornos, de covas escuras e pedregulhos gigantes, ocultos por uma inextricável rede de silvados e tufos que é preciso remover à brachada a fim de se alcançar alguns sítios admiráveis e pitorescos. Fomos até à mata, para além dos penedos gigantes que emolduram a sua paisagem adusta. Nos recondos dos fráguedos, de recortes sempre caprichosos, parece que andou a mão do homem. Tudo é ali, porém, primitivo. A natureza brinda-nos de surpresas. A cada recanto da penedia, surgem-nos grutas fechadas onde mal entra a claridade do dia. Lá muito ao fundo, bem defendida, está a «cova dos ladrões». É um imenso quadrilátero, com uma entrada quase intransponível. Uma larga plataforma, virada ao norte, assemelha-se a um velho baluarte, meio oculto pelo musgo. O panorama que dali se avista é assombroso. Divisam-se os casais, as estradas e os caminhos, num largo raio. Não sei porquê, ocorreu-me a ideia peregrina que ali se acoitavam, naquela cova e noutros tempos, os salteadores da mala-posta que ia de Guimarães à Fafe, tipos de lenda, com suas barbas hirsutas, sempre temidos por estas redondezas. Pareceu-me vê-los ainda a repartir os despojos, à sombra gigantesca da enorme gruta, enquanto um deles na plataforma de trabuco em riste, espiava ardeamente o vasto horizonte de prados e de pedras negras...

Os automóveis e camionetes que vêm à Penha, surgem no largo sempre em grande velocidade, levantando enormes nuvens de poeira. É um verdadeiro flagelo! Num lugar saudável, este inconveniente tem de ser evitado. Além de uma regra em forma, impõe-se, certamente, a adopção de outras medidas adequadas para que os motoristas reduzam ao mínimo a velocidade dos seus carros. A Junta de Turismo deve estudar este importante assunto. Na estância estão empregadas centenas de contos na sua valorização e dói realmente verificar-se que a má compreensão de

Exumações DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

O Museu Alberto Sampaio

Portugal é um país que possui um património artístico, valiosíssimo e digno de ponderação e carinho. Por isso deve e precisa de consagrar uma arrojada dedicação aos seus monumentos e preciosidades, não só das que os monumentos que relembram acções de valor e intrepidez, como também de tudo quanto demonstre arte; não só de tudo quanto represente as nossas glórias, com as quais esmaltamos as páginas da História com perfulgências de heróicas que já mais se esquecem, como também de quanto indica a nossa actividade e o nosso labor nas suas diversas manifestações.

Ainda bem que os poderes públicos — numa nitida compreensão dos seus deveres — vão prestando todo o carinho e máxima consideração por este importante assunto, dispensando-lhe a sua maior dedicação e demandando os seus melhores esforços para o resolver de harmonia com a sua magnitude.

Todos já reconhecem, felizmente, a utilidade de conservar e manter intactos

alguns a pode prejudicar. Creio que o problema tem fácil solução. Para as regas, a água não falta, e um empregado do Turismo basta para a fazer em boas condições. Esse mesmo homem pode, com a devida urbanidade, advertir os motoristas de que não devem ultrapassar os locais de estacionamento nem fazer do largo da estância uma pista de corridas. Este parecer, muito pessoal, é aliás partilhado — deve dizer-se — por todas as pessoas que se encontram no Hotel da Penha. O «Turismo» não descurará certamente o problema. Confia-se nas suas resoluções a este respeito e no espírito empreendedor dos ilustres membros que o compõem, a quem este local admirável muito deve já e espera dever muito mais ainda em prol do seu desenvolvimento.

Salvador Braga.

Gazetilha

«Pão e vinho anda caminho», dizia o nosso povinho em bem sabido ditado. Mas com tal vinho e tal pão o conhecido rifão não pode ser aplicado.

O pãozinho, sabe a gente, é mesmo muito indecente o que para aí se come, eu não sei mesmo dizer se é preferível comer, à gente morrer à fome.

O vinho, «sangue de Cristo», também anda, pelo visto, por mão de muito márito, eu ouvi alguém dizer que nos queriam vender do fabricado a mascoto.

Ora assim, com tal comida, ajudando-lhe a bebida, tudo muito feio veio, pois quem tal coisa grainar e pretender caminhar, só se fôr de carangueijo.

Para trás, ou para a frente, tanto faz, é indifferente, sempre é sair do lugar, é ser antigo ou moderno, quer o céu ou inferno, cada côr, seu paladar.

Camara Dão.

Um telegrama ao Sr. Dr. Oliveira Salazar

Após a grande Peregrinação à Penha realizada no passado domingo, foi enviado ao ex.^{mo} sr. dr. António Oliveira Salazar o seguinte telegrama:

«Excelentíssimo Presidente Ministério LISBOA

Cinquenta mil peregrinos Guimarães e concelhos circunvizinhos subiram hoje Montanha Santa da Penha, em imponentíssima manifestação de fé, cantando e louvando excelsa Padroeira de Portugal pelo milagre conservação da paz na Pátria amada e da preciosíssima vida seu grande e providencial Estadista.

Que a doce Rainha da Paz continue a proteger nos, salvando sua terra querida e convertendo cruéis inimigos de Deus e Pátria, dos lares e altares.

Arcipreste de Guimarães.

tos esses monumentos nas suas primitivas origens; monumentos que iam sendo vandalizados e até destruídos sem o menor respeito pelos tempos gloriosos de Portugal de antanho!

Pouquíssimo e até nada se respeitava a Arte, fazendo-se um muito reduzido aprego pelos seus exemplares de valor intrínseco, mascarando-os e desfigurando-os até com arcoscosmos que eram verdadeiros atentados contra a sua veneranda antiguidade, contra os seus primores esculturais ou contra a elegância da sua arquitectura.

É mister que esses monumentos, indicadores dum grau avançado da nossa civilização, sejam cada vez mais respeitados e tratados com amor e inteligência, com carinho e cuidado. É uma verdade incontestável que muitas das nossas preciosidades e riquezas artísticas — verdadeiras relíquias dum passado ilustre — que nos indicam muitas vezes a união íntima do amor da Pátria com as crenças dos nossos Maiores, têm infelizmente desaparecido devido a causas diversas; à ganância de alguns que as vendem por uma irrisória quantia ou — como se diz vulgarmente — por dez reis de mel coado, à ignorância ou falta de cultura de muitos e à incuria de todos nós.

Foi inegavelmente pelo imperioso motivo de pôr cõbra a estes inconvenientes que um ilustre ministro, secundado por um outro — ambos movidos pelo muito afecto que dedicam a esta

Abertura da caça

Realizou-se no dia 15. Rejubilam os amadores de Santo Humberto, e rejubilamos nós, que já tivemos o suave prazer de papar um coelhito, de mólho verde...

Esta afirmação vai, certamente, ferir a susceptibilidade de alguma boa alma compassiva que leve demasiado longe a ternura e o amor pelos irracionais, mas a verdade é que, enquanto o mundo fôr mundo, um bife na grelha há de ser sempre um manjar delicioso. e uma canja de perdiz, aduba da a preceito, um pitêu da gente comer e ougar por mais...

Necessidades irreprimíveis do animal que todos nós somos...

A carroça do Correio

Com a devida vénia transcrevemos do «Correio do Minho», de 17 do corrente, a local que se segue, a qual é da autoria do nosso colega nesta cidade para aquele jornal, por ela traduzir perfeitamente o nosso modo de ver no respeitante ao assunto que versa:

A malfadada carrirpana — Com vista ao digno Chefe dos Correios e Telégrafos

Com o terminar da quadra calmosa e a aproximação da época das chuvas, Guimarães — esta cidade de fidalgas e nobilíssimas tradições, que foi e é solar da nossa Pátria querida — irá mais uma vez assistir à exhibição nas suas ruas dessa indecorosa carroça, com o seu elegantíssimo coberto, que conduz as malas do Correio à Estação do Caminho de Ferro e vice-versa.

Há tempo — há muito tempo já — que a imprensa se vem ocupando deste assunto, pegando-lhe por todas as maneiras, no louvável e humano intuito de ver esta terra liberta de um espectáculo que a deprime aos olhos de quem a visita e a humilha a seus próprios olhos. Mas nada lhe foi possível conseguir até à data, devido, naturalmente, à pouca consideração que esta terra merece ao proprietário ou proprietários do aludido veículo (?), os quais persistem na sua lamentável teimosia, fazendo ouvidos de mercador a tudo que não seja o seu interesse pessoal, esquecendo o respeito que devem à terra que tão hospitaleiramente os alberga.

Mas esta maneira de proceder tem de corrigir-se, deve corrigir-se! Exige-o bom nome e o decore de Guimarães; exige-o mesmo a dignidade da Repartição Pública a que são prestados os serviços da aludida carroça. E assim sendo, nós julgamos que a pessoa indicada para remediar este mal é o digno Chefe dos Correios e Telégrafos, sr. Julião Carneiro da Silva, visto ser ele o superintendente em tudo que diz respeito à administração destes serviços nesta cidade e concelho.

Assim, pois, é para sua ex.^a que nós apalamos, pedindo-lhe para evitar a continuação de uma vergonha que põe, neste caso, Guimarães a par de S. Miguel do Monte.

O inverno está a chegar e com ele reaparecerá certamente a capota da carroça. Enquanto é tempo, sr. Carneiro da Silva, evite esse escândalo e pode crer que por isso receberá o reconhecimento sincero dos Vimaraneses, no meio dos quais vive e onde conta simpatias. Podemos contar?

N. da R. — Infelizmente, com o cair das primeiras chuvas, a carroça já exhibe o elegantíssimo coberto.

sua Pátria — criou este museu com todos os elementos para lhe assegurar a manutenção.

E assim se evitou qualquer futura limpeza que, por acaso, fizesse desaparecer algumas dessas raridades que se admiram hoje neste museu; coisas lindas e veneráveis que representam o Passado.

Podiam aparecer outros franceses que pagassem com as culpas... como aconteceu com tantíssimos, dos quais só temos conhecimento pelo que lêmos em vários documentos antigos.

Abençoada seja portanto, para sempre a memória de todos quantos empregaram alguns momentos da sua actividade em nos patentear através os séculos, as nossas riquezas artísticas e monumentais doutoras, que são hoje valiosos documentos de gloriosas tradições, autênticas maravilhas de primores de arte, dignos de ver, estudar e examinar.

Respeitemo-la e veneremo-la porque bem o merecem.

Está este museu instalado adjunto do antigo e magnífico claustro românico da colegiada (do século XIII) depois de devido e paciente restauro pelo ilustre vimaranense e distinto arqueólogo Alfredo Guimarães que não se poupou às maiores cautelas para realizar, em tudo, uma

Eufemismos

Sem ofensa dos vastos conhecimentos dos leitores letrados, elucidaremos os de mais que «eufemismo», segundo os dicionários (Torrinha, por ex.) é o emprêgo numa palavra ou frase agradável para traduzir uma ideia triste ou desagradável.

Esclarecido o significado da palavra podemos afoitamente afirmar, de modo que todos nitidamente nos compreendam, que vivemos, nestas conturbadas horas, a era dos eufemismos.

Conferências, hostilidades, conflitos, diferendos, conversações, notas diplomáticas, etc., etc. — palavras de todos os dias, de todos os instantes, enganadoras e falsas, significando, afinal, em verdade, espantosas tragédias, intrigas tremendas, pavorosas carnagens. Marchamos para o futuro, numa marcha incerta e dolorosa, sob o signo da Mentira.

desporto

Um documento notável é, sob todos os pontos de vista, o «Relatório e Contas da Gerência de 1936-37», da Federação Portuguesa de Football Association.

Não se compadece a indole deste jornal com um comentário largo, minucioso, ao admirável trabalho cuja leitura nos deixou uma profunda impressão de respeito e admiração pelo labor desinteressado, útil, profícuo, dos homens que em boa hora foram escolhidos para superintenderem gerir o mais popular dos desportos.

Não nos foi enviado directamente este documento, que fica marcando lugar inconfundível e de acentuado relevo ente tantos outros semelhantes. Foi o acaso que nos levou à sua leitura. Por este motivo, o nosso louvor, quase inteiramente incondicional, é desprovido de intenção subversiva, unicamente animado pelo irresistível desejo de publicamente afirmar uma verdade que todos quantos se interessam pelo movimento desportivo português devem conhecer.

Diz-se, no breve prefácio que antecede o primeiro dos capítulos em que se divide o «Relatório»: «Antes de tudo, permitam-nos V. Ex.^a uma declaração: — nunca quaisquer dirigentes sentiriam tão forte o desejo de ver chegado o momento de esclarecerem e serem esclarecidos, como os que têm a honra de subscrever este documento».

O desejo dos dirigentes, no que respeita ao esclarecimento público, teve magnífica realização. Resta que aqueles que vão apreciar os seus actos, o façam construtivamente, de modo a desanuviar o ambiente desportivo, por vezes ensombrado por atitudes menos reflectidas, não raro provenientes de quem não tem a mínima parcela de autoridade.

Humildes rabiscadores de uma pobre secção de desportos em modesto jornal de província cuja voz não chega às elevadas esferas em que se comandam os destinos do football nacional, a nossa acção, sem efeito espectacular, reduzida pela força das circunstâncias em que vivemos a nossa pobre, mas honrada vida jornalística, nem por isso deixará de nortear-se, em todas as emergências, pelos seus princípios

obra digna do elevado fim para que fôr criado.

Que deslumbramento de preciosidades! Como é belo e atraente todo aquele conjunto de raridades admiráveis de Arte que seduzem e prendem a nossa atenção com as suas flamejantes reverberações! Ali se ostentam tecidos, bordados de requintado labor e produções valiosíssimas de ourivesaria em 15 vitrinas, nas quais se salientam riquíssimas peças do antiquíssimo tesouro da colegiada insigne. Este recheio é um dos mais luminosos dos museus da província que forma um amplo salão ao qual se segue a histórica sala de Aljubarrota, de rica ornamentação gótica onde, por entre múltiplas peças de apreciabilíssimo valor material e artístico, se nos patenteia o maravilhoso altar castelhano, em prata, tomado pelo Mestre de Aviz, em 1385, naquela formidável batalha ao rei de Castela, seu homónimo, D. João I.

A esta segue-se uma outra sala em que, a par de delicados artefactos de seda ou veludo, vemos paramentos preciosos em ouro e lhamas, de caprichosos desenhos e esmerado trabalho, entre os quais se destaca um do século XVI que é um primor de beleza da indumentária sacra.

Grandeza, beleza e maravilhas de Arte, por toda a parte! Há ali reminiscências nitidas dum passado de merecimentos artísticos que nos captivam a curiosidade, nos empolgam e se-

exaltados a cada passo nas centenas de páginas, plenas de ensinamentos, que constituem o «Relatório» da Federação.

O desporto provinciano carece, hoje mais do que nunca, de boas vontades, de dedicações, de homens de espírito desempoeirado e de intenções generosas.

Enfileiraremos ao lado de quantos queiram contribuir para engrandecer e elevar a causa do desporto no nosso País.

E deste cantinho enviamos aos dirigentes da Federação os nossos calorosos parabéns pela excelente obra efectuada, fazendo ardentes votos por que continuem a dispensar ao football português a ajuda inestimável da sua competência e da sua íntegra autoridade moral.

— II —

O encontro de hoje

Dissemos, no último número, que quem supuzesse, pelo resultado, que o grupo vencido na Póvoa de Varzim, no dia 5 do corrente, foi adversário demasiado fácil, se enganava, e acrescentamos que no encontro a realizar hoje o Sporting marcaria, certamente, mais personalidade e nos brindaria com uma exhibição à altura dos seus créditos.

Mantemos a mesma opinião, apesar da derrota sofrida pelos póvoeiros, no domingo passado, em Braga, e mantemo-la porque, tendo assistido ao encontro dos dois Sportings, não consideramos as indicações do marcador como verídica expressão de acentuado desnível técnico entre os dois grupos. As pugnas footballísticas entre póvoeiros e vimaranenses revestiram sempre grande interesse — e raro os resultados passaram além de diferenças escassas.

Hoje, o Sporting da Póvoa há-de vir animado do louvável desejo de destruir a impressão que possam ter provocado os dois desafios que efectuou esta época, dos quais não deixaram, evidentemente, de colher lições proveitosas, remediando tanto quanto possível os defeitos revelados por um dupla experiência.

É a primeira vez, esta época, que os desportistas vimaranenses vão ter ensino de ver jogar o Vitória. Isto é motivo bastante para augurar que o Campo de Benlhevai registre nos seus anais mais uma enchente. Acorrendo em massa ao campo de jogos, os desportistas locais cumprem um dever que lhes deve ser gratíssimo: — o de auxiliar material e moralmente a actual direcção do club local, cujos esforços e canseiras bem merecem a mais ampla e mais decidida cooperação.

O facto do encontro de hoje não ser positivamente daqueles que mais entusiasma desperta, não pode, não deve ser motivo de afastamento. Quem verdadeiramente se interessa pelo desporto em si, sem mira exclusiva de glórias tantas vezes fáceis, tem, em primeiro lugar, a indeclinável obrigação de mostrar que é, de facto, desportista, e a maneira mais expressiva e mais eficaz de o fazer é tornar progressiva a vida das colectividades que, como o Vitória, sempre tem sido norteadas pelo superior objectivo de bem servir.

Oxalá que no próximo número tenhamos de felicitar-nos por os desportistas vimaranenses terem sabido cumprir o seu dever.

* * *

Realizou-se no domingo a Grande Peregrinação à Penha

Realizou-se no domingo e foi imponente a Grande Peregrinação Anual à Virgem da Penha em que tomaram parte dezenas de milhares de pessoas e que constituiu, por isso, uma grandiosa manifestação de fé e Amor à Virgem.

A propósito transcrevemos do «Jornal de Notícias»:

«Desde muito cedo, mal o sol despontava ainda na serra, que a gente vimaranense enchia as ruas e praças, para se incorporar na peregrinação.

duzem. A entrada deste museu — que é sumptuosa pelas obras magistralmente trabalhadas em talha dourada, ali colocadas juntamente com admiráveis esculturas em madeira — sentimos um prazer espiritual como ao entrar num templo, onde vamos passar horas recolhidos dnm doce enlôro, com Deus.

O museu Alberto Sampaio é uma autêntica maravilha, não só pelo resplendente cenário de estética que nos apresenta, como pela documentação seleccionada e irrefragável dos exemplares admiráveis do artístico património vimaranense que sempre será apreciado e elogiado em toda a parte.

Naquela escrinio de jóias magníficas, ao lado da ciência de quem o organizou, há a notar também o apurado gosto que presidiu à distribuição das suas variadas secções. Quem o visita sente logo impressões agradáveis e dignificantes que jamais esquecem. Todo aquele ambiente de beleza deslumbra e magnetiza a nossa sensibilidade. Nunca é de mais elogiá-lo e enaltece-lo. Ali revive-se todo um passado grandioso, toda uma antiguidade de nobreza numa atmosfera de magnificência. É o culto da veneração prestado em arrebuos de patriotismo, pelo passado. O que ali está é um precioso documentário histórico e exuberantemente nitido da ancestralidade vimaranense.

A meticolosa disposição de todas as preciosidades que emaltam o interior deste museu, num harmonioso conjun-

Logo que esta se pôs em marcha, pela estrada polvorenta, batida de sol, assistia-se a um espectáculo único de fé. O povo ocorreu em massa. Desfraldados ao vento os guíões e os estandartes, davam ao imenso cortejo uma nota impressionante de movimento e colorido. A chegada da peregrinação junto das freguesias — Margarede, Belos Ares, Mesão Frio, etc. — outra mole de gente se fundia na multidão, engrossando-a. Na estrada de Fafe, onde esta confina com a da Penha, mais gente aguardava. A peregrinação enchia a estrada numa extensão de mais de um quilómetro, de lés a lés, toda a gente de cabeça descoberta. Os cânticos religiosos ecoavam ao longe. E a subida, lenta, com o sol cada vez mais escaldante, iniciou-se, já próximo do meio-dia. Pela outra estrada subiam e desciam as viaturas — fita interminável — sempre pejudas de povo. Da cidade, junto à igreja de S. Pedro, podia vê-se esse espectáculo formidável de um movimento a cada momento mais crescente. A poeira erguia-se mais alta que a serra! Desde a vivenda Mariano até ao longo cotovelo que vai desembocar na Penha, via-se, em cada cinco minutos, mais de uma centena de carros. Foi difícil chegar lá, de tal modo o povo se disputava os lugares nas camionetes e nos «taxis», povos, que vinham ao largo Prior do Crato.

No lugar da Penha uma densa multidão aguardava a chegada do cortejo religioso. É difícil fazer um calculo. Vinte ou trinta mil pessoas? Não se sabe. Certo é que estavam ali algumas dezenas de milhares. Não havia um lugar sobranceiro que não estivesse ocupado. O povo trepou a todos os pontos dominantes e até algumas fráguas que pareciam inacessíveis, se viam cobertas de gente, que também para ali trepara, fazendo um verdadeiro prodígio de equilíbrio. Pouco depois do meio dia, estalejaram foguetes e um vozear imenso e uniforme, invadiu o amplo largo. Era a peregrinação que chegava. A frente os eclesiásticos, junto de cada flâmula ou estandarte, seguido do povo. Todas as lapelas floriam. Rosas vermelhas e brancas adornavam os chapéus. As mulheres, com os seus melhores vestidos, lantejoulados. Mais foguetes. Um cântico colossal, que durou alguns minutos. Depois a marcha para junto da igreja. Novos cânticos. Durante toda a tarde, a cerimónia prosseguiu, agora restrita a preces. Um sacerdote entoava a oração, logo reproduzida por alto-falantes que os crentes, em todo o largo fronteiro, repetiam com recolhimento. Assim até ao crepúsculo. À noite, poderosos reflectores, iluminaram fartamente a igreja, o monumento ao Pto IX, a capelinha de S. Cristóvão e o Relicário.

Após a chegada ao alto da Montanha do interminável cortejo em que se incorporaram cerca de 150 estandartes, houve Missa Campal celebrada pelo rev. Gaspar Nunes e alocação aos peregrinos, pelo rev. Bispo de Arena, que presidiu à Grande Peregrinação, na qual se incorporou acompanhado pelas seguintes entidades: capitão José Maria de Magalhães e Couto, vice-presidente da Câmara; tenente Artur Lameiras, administrador do concelho; P.^e António Pires Quesado, Arcipreste substituto; dr. Leopoldo Martins de Freitas, juiz da Irmandade da Penha; José Luis de Pina, presidente da Junta de Turismo; Monsenhor José Maria da Silva, Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, António José Pereira de Lima, presidente da Comissão de Melhoramentos; João António Sampaio, Manuel Pereira Mendes, etc.

Durante o dia foi grande a afluência de pessoas à soberba Montanha.

VASILHAME

A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO vende 1 tonel de seis pipas e 2 de três.

Para tratar, na Secretaria desta colectividade, das 13 às 18 horas. (111)

to, indica-nos claramente um estudo apurado e digno de toda a nota para ser enaltecido condignamente.

Este museu, cujo nome traduz uma consagração justa prestada a um vimaranense insigne, foi um serviço inestimável prestado não só a Guimarães mas também à Arte nacional, assim como o decreto que o criou — e como qual o ilustre ministro quis honrar e distinguir o antigo burgo vimaranense — deve ser motivo dum justificado orgulho e desvanecimento para todos os portugueses, verdadeiros amigos da sua Pátria.

Se outros motivos não houvesse para prestar uma sincera homenagem ao instituidor deste museu, bastaria só pensar na ideia patriótica que o originou para lhe consagrarmos com o mais elevado aprego e subida consideração as nossas sinceras homenagens.

Este museu será sempre muito apreciado pelas autênticas e notáveis riquezas que encerra e que nunca deixará de causar admiração aos eruditos e outros entendidos nestes assuntos que o visitarem.

Louvemos, pois, a quem soube dar uma realização pronta e imediata a uma das mais altas aspirações dos vimaranenses. Este museu constitui uma distinção para Guimarães e uma honra para Portugal.

P.^e Alberto Gonçalves.

Dos Livros. Dos Jornais.

Curiosidades de Guimarães (Teatro Vimaranes) por Alberto Vieira Braga: — Em nosso poder o *Teatro Vimaranes* do infatigável etnógrafo e ilustre filho desta terra, sr. Alberto Vieira Braga, em separata da "Revista de Guimarães", que foi lido de um só fôlego e que, em verdade, delicia o nosso espírito!

Ao estilo perfeito do Autor, harmonizado pelo fino evoluir do pensamento e pela elegância da frase, juntam-se paralelamente a paciência memorialista que organiza e dispõe, e a menção projectada em beleza que vivifica o que por muitos é considerado morto, tudo conjugado no firme esforço que de curiosidade em curiosidade vai entendendo uma vasta obra de resurreição do velho burgo e tudo ordenado de molde a vencer as resistências dos contrastes.

Nestes estudos de bosquejos históricos, onde tem de transparecer a leveza que favorece o interesse e espavite o espírito, e onde não se dispensa o comentário breve e aligeirado do exumador irrequeto e letrado, rasgar o véu que encobre a rotina é já de si um dispêndio de energia formidável; descer, porém, aos mais detalhados pormenores e chapiscar sobre as minúsculas empoeiradas no Passado obscuro e lapidário — ó quantas noites de vigília e que dor de consumição a tenalhar a cabeça de quem deseja ser literariamente honesto ou demopsicólogo!

Com o seu V opúsculo das "Curiosidades de Guimarães", consegue Alberto Braga de-aíar a autoridade dos mestres consumados, em nada lhes devendo da competência técnica e da sua probidade. Marca de um modo irretrouável a sua personalidade de investigador consciente e cimenta a já definida e inofensável reputação de homem de boas letras.

Este seu novo trabalho prova-o exuberantemente e bem lhe deve ser agra-decida a moderna geração por ter encontrado quem, sem favores ou obrigações, à laia de avôzinho cheio de ternura, lhe vem contando em voz serena as histórias dos seus antepassados tomado um nadihu de romantismo e pertinaz na sua vontade de legar aos netos alguns ensinamentos úteis.

L. C.



AS JOIAS DA OUVESARIA ANCORAZ FAZEM PARTE INTEGRALMENTE DA CORBELLE DUMA NOIVA (296)

Ouvresaria Ancora
Rua 31 de Janeiro, 21 a 25
Telefone. 6078 PORTO

Colégio Lusitano

Um grupo de senhoras diplomadas pelas Escolas Superiores e Especiais do País, ou especializadas em vários ramos do saber feminino, com prática de ensino, coroada do melhor êxito, desejando garantir perduravelmente a eficácia do seu esforço educativo, com a necessária liberdade de acção, tomou a iniciativa de criar um novo estabelecimento para a formação integral da juventude feminina, a que deu a designação de — **Colégio Lusitano** e que vai funcionar no Porto.

Quem reflecte na hora conturbada da história, que vamos vivendo, não pode deixar de ver com simpatia e carinho tão difícil como abençoada tarefa, inspirada no mais nobre ideal de preparar as raparigas portuguesas para exercer convenientemente a sua delicada missão na sociedade moderna.

O **Colégio Lusitano** não é uma aventura irreflexiva, mas uma obra seriamente pensada a que as mesmas senhoras estão a dar toda a sua alma, não se poupando aos mais árduos sacrifícios, que tam sublime causa impõe.

Som esquecerem os múltiplos aspectos da educação feminina, logo de início procuraram instalações adequadas e próprias, para trabalharem à vontade, evitando assim as deficiências de qualquer adaptação. Num amplo talhão de terreno que margina as ruas da Quinta Amarela e Vieira Portuense, derivante da Avenida da França, está em construção, para começar a funcionar em Outubro do ano lectivo 1937-38, um edifício para o **Colégio Lusitano**, com todos os requisitos da higiene e da pedagogia moderna.

A sua situação topográfica é especial, pois que está ao mesmo tempo arredada do bulício industrial e comercial da cidade e no centro dum dos bairros mais salubres e agradáveis, povoados por famílias da sociedade portuense; próximo da Rotunda da Boa-Vista, Estação do Caminho de Ferro do Norte, Estação da Companhia Carris de Ferro do Porto; e

servida pelos carros eléctricos 2, 4, 5, 6, 17, 18, 19, e por muitas caminhetas de transporte colectivo para os arrabaldes da cidade.

Para as alunas residentes em bairros da cidade do Porto, distantes do Colégio Lusitano, e não convenientemente servidos pelos meios de transporte anteriores, a Direcção do Colégio tem previsto a combinação duma camionagem automóvel privativa, por preços módicos.

Para suprir a falta temporária de internato próprio do Colégio Lusitano, para as meninas, cujos pais vivam fora do Porto, e que queiram frequentar o Colégio, a Direcção tem previsto casas de pensionato em que aquelas alunas serão tratadas familiarmente e acompanhadas directa ou indirectamente, pela Direcção.

JOSÉ PINTO RODRIGUES
ADVOGADO

R. Gravador Molarinho, 15
(durante as férias judiciais)

Assinar o "Notícias de Guimarães" é dever dos vimaranenses.

da cidade

Delegado do Procurador da República

Tomou posse do lugar de Delegado do Procurador da República desta Comarca, a qual lhe foi conferida pelo Juiz Substituto sr. Dr. João Aires de Azevedo, digno Conservador do Registo Predial, o distinto Magistrado sr. Dr. Arnaldo de Castro e Almeida Mendes Norton de Matos, que nos dizem ser possuidor de raras qualidades de inteligência e carácter. Ao acto, a pesar de não ser conhecido, compareceram vários elementos do foro vimaranense.

Ao ilustre Magistrado apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos.

Matadouros Municipais

Durante o mês de Agosto foram abatidos nos Matadouros do Concelho:

Guimarães — 58 bois; 167 vitelas; 57 suínos; 258 caprinos.

Vizela — 35 bois; 75 vitelas; 16 suínos; 112 caprinos.

Taipa — 7 bois; 19 vitelas; 5 suínos; 60 caprinos.

Foi dado como impróprio para consumo 1 suíno.

Produção do trigo

O sr. Administrador do Concelho enviou circulares aos regedores das freguesias do Concelho, comunicando-lhes que o prazo para o manifesto da produção do trigo termina, impreterivelmente, no dia 15 de Outubro próximo.

Festas e Romarias

No próximo domingo, dia 26 do corrente, realiza-se na forma dos anos anteriores, na freguesia de Gonça, deste Concelho, a antiga Romaria de S. Mateus, que costuma ser muito concorrida e será abrilhantada por uma reputada banda de música, havendo, além do arraial com música, fogo, etc.; imponentes solenidades religiosas com missa cantada, sermão, procissão, etc. O recinto estará adornado com bandeiras, havendo durante o dia carreiras de caminhetas entre esta cidade e o local da Romaria.

Na Rua da Liberdade (Cruz de Pedra) festeja-se hoje o Senhor da Agonia, que ali se venera num oratório.

D. João Lindoso — Missa por sua alma.

Passando amanhã, dia 20, o primeiro aniversário do falecimento do sr. D. João Pedro de Bourbon (Lindoso) que foi benemérito da V. O. T. do Carmo, desta Cidade, a cujos destinos presidiu, a inesa da mesma V. Ordem manda celebrar uma missa por sua alma, na sua igreja, às 9 horas do referido dia.

Rancho Típico de Paranhos

No próximo dia 26 do corrente, realiza uma visita a Guimarães, este excelente grupo da cidade do Porto, dando à noite, no Jardim Público, um festival dedicado ao Operariado da nossa terra.

Sufragando

Na sexta-feira foi celebrada, perante numerosa e selecta assistência, no templo de S. Francisco, a missa do 30.º dia por alma da saudosa senhora D. Maria José Leite.

Além da família e muitas pessoas das suas relações, assistiram à piedosa cerimónia os internados das Oficinas de S. José.

Citânia de Briteiros

Conforme noticiaram já alguns colegas foram encontrados recentemente, na Citânia de Briteiros, quando nos jardins procediam a umas escavações, dois antiquíssimos e va-

liosos braceletes de ouro, os quais muito vêm enriquecer o importante Museu da nossa benemérita Sociedade de Martins Sarmento.

Convento da Costa

Já está sendo instalado no Convento da Costa um importante estabelecimento científico que será dirigido por uma congregação religiosa.

Dr. Nuno Simões

Em Lisboa tem passado ligeiramente incomodado este ilustre Escritor e nosso distinto amigo, a quem o *Notícias de Guimarães* deseja rápidas melhoras.

O Novo Teatro

Estiveram nesta cidade, visitando as obras do novo Teatro, a ilustres Artistas Amélia Rey Colaço e o sr. Robles Monteiro.

No "Notícias"

Deram nos ante-ontem o prazer da sua visita os nossos prezados camaradas e amigos srs. Júlio Nunes Cunha e Filipe Pereira da Costa, distintos director e administrador do nosso prezado colega "Concelho do Cartaxo", que andaram em digressão pelo Norte.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Dr. Francisco Alberto Pinto Rodrigues — Passou na última quinta-feira, dia 16, o aniversário natalício deste nosso querido amigo e conterrâneo, advogado distintíssimo que muito honra o foro vimaranense e que, pelas suas raras qualidades de inteligência e carácter soube conquistar a simpatia da cidade inteira que muito o admira.

O "Notícias de Guimarães", apresenta-lhe na passagem do seu aniversário os seus mais sinceros e respeitosos cumprimentos de felicitações e faz ardentes votos pela sua saúde e prosperidades.

D. Maria Sotto Maior e Menezes — Passou no dia 27 de Agosto último o aniversário natalício da ex.ª sr.ª D. Maria Sotto Maior e Menezes, da Casa de Rosende, a quem felicitamos, tarde embora, muito sinceramente, bem como a seu esposo o nosso bom amigo sr. Manuel Fernandes Porto.

António José Pereira de Lima — Passou ontem, dia 18, o aniversário natalício do nosso prezado amigo e importante industrial e capitalista, sr. António José Pereira de Lima, antigo Administrador do Concelho, a quem apresentamos as mais sinceras felicitações.

Artur Fernandes de Freitas — Na sexta-feira passada, dia 17, passou também o aniversário natalício do nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas, hábil guardalivros da casa Alberto Pimenta Machado, a quem felicitamos.

José Teixeira dos Santos — Faz anos na próxima terça-feira, dia 21, o nosso bom amigo sr. José Teixeira dos Santos, digno e inteligente cartorário da V. O. T. de S. Domingos, a quem apresentamos cumprimentos de parabéns.

Sebastião Teixeira de Aguiar — No dia 22 do corrente faz anos o nosso bom amigo sr. Sebastião Teixeira de Aguiar. Por isso lhe apresentamos as nossas felicitações.

J. Gualberto de Freitas — No próximo sábado, dia 25 do corrente, passa, também, o aniversário natalício do nosso querido amigo e distinto camarada sr. J. Gualberto de Freitas, amigo e colaborador do "Notícias de Guimarães", e solicitamos correspondente do "Correio do Minho", cujas qualidades muito admiramos. Por tal motivo e antecipadamente o abraçamos sinceramente, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Dr. António Carvalho Cirne — Faz anos no dia 16 do corrente o estimado publicista sr. dr. António Carvalho Cirne, a quem felicitamos.

João Saraiva Brandão — Faz anos no próximo dia 23 o nosso amigo sr. João Saraiva Brandão.

António Alves Ferreira — No mesmo dia passa o aniversário natalício deste nosso prezado amigo e conceituado industrial. As nossas felicitações.

— Fizeram anos, nos dias 11 e 18 do corrente, respectivamente, o nosso conterrâneo sr. Manuel Pires de Sousa, ausente em Lisboa, e o laureado académico António Alberto Pimenta Machado, filho do nosso bom amigo e abastado capitalista e industrial sr. Alberto Pimenta Machado. Os nossos parabéns.

Casamento

Na igreja paroquial das Domínicas (S. Sebastião) realizou-se, no dia 8, o casamento do nosso prezado amigo e inteligente Professor do Ensino Secundário sr. dr. Gaspar Gomes Alves, filho do falecido e saudoso chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães, sr. José Maria Gomes Alves e da ex.ª sr.ª D. Elvira da Silva Gomes Alves, com a ex.ª sr.ª D. Maria Madalena Monteiro de Sousa, gentil filha do nosso prezado amigo e conceituado negociante local sr. João Baptista de Sousa e de sua esposa a ex.ª sr.ª D. Leopoldina Xavier Monteiro de Sousa.

Foi celebrante o rev. Borges de Sá,

Prior daquela freguesia, e serviram de padrinhos a mãe do noivo e o nosso prezado amigo sr. dr. Serafim Ferreira de Oliveira.

Aos noivos, que são possuidores das melhores qualidades de carácter e inteligência e duma primorosa educação, desejamos as maiores felicidades.

Dr. António Carneiro

Com sua esposa encontra-se em Gouveia, a descansar, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. dr. António Carneiro, distinto Magistrado que, como há tempos noticiamos foi transferido para a Comarca de Mangualde.

Monsenhor João António Ribeiro

Tem experimentado sensíveis melhoras o ilustre Arcipreste e digno Pároco de N. S. da Oliveira, Monsenhor João António Ribeiro. Desejamos o pronto restabelecimento de S. Ex.ª.

Dr. Carlos Silva

Esteve em Guimarães e Penha o sr. dr. Carlos da Silva Carvalho, membro do Conselho Nacional de Turismo.

Partidas e chegadas

Partiu para a Póvoa de Varzim o distinto advogado notário e nosso bom amigo sr. dr. António José da Silva Bastos Júnior.

— Com sua ex.ª família encontra-se na sua Casa de Carvalho d'Arca o ilustre oficial da Armada e nosso bom amigo sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

— Regressou de Vila do Conde o distinto clínico e nosso bom amigo sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha.

— Deu-nos o prazer da sua visita o sr. David dos Santos, nosso Chefe da Estação do Caminho de Ferro de Guimarães, que nos apresentou os seus cumprimentos, o que aqui agradecemos.

— Encontra-se entre nós o nosso amigo e conterrâneo sr. António André Guimarães.

— Tem estado entre nós o sr. Luís António Pereira assim como seu enteado o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Carlos Alberto Teixeira da Silva, distinto Tenente da Armada.

— Com sua esposa encontra-se nas suas propriedades em Urgezes o nosso amigo sr. José Maria Felix Pereira.

— Também se encontra nas suas propriedades de Atilas, com sua esposa, o nosso prezado amigo e distinto oficial do exército sr. Tenente Alvaro Martins de Campos.

— Vimos em Guimarães o sr. Manuel Boaventura, ilustre Director Escolar do Distrito de Braga.

— Com sua filha partiu para Airão (Douro) S. Mamede de Vila Verde, o nosso prezado amigo e ilustre oficial do exército, sr. Major António J. T. de Miranda.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso prezado amigo e distinto administrador de "A Voz de Fafe", sr. António Teixeira da Mota.

— Na Casa da Quinta da Herdade, em Urgezes, e de visita ao nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alves de Freitas, estimado Funcionário dos Estabelecimentos Produtores do Ministério da Guerra, encontram-se suas irmãs bem como seu cunhado o sr. Francisco Perestrelo Marinho Pereira de Araújo, de Ponte do Lima.

— Partiu para Melgaço, a uso de águas, o nosso bom amigo e estimado industrial sr. João Rodrigues Loureiro.

— De visita a sua família esteve em Guimarães o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Manuel Teixeira Mendes, residente no Porto.

— Regressou de Espinho o nosso prezado amigo e conceituado negociante local, sr. Vasco Leão Fernandes.

— Estiveram no domingo passado entre nós os nossos ilustres camaradas do "Journal de Notícias", srs. Botelho de Sousa e Salvador Braga.

— Com suas famílias partiram para as suas propriedades os nossos amigos srs. Belmiro e Manuel Mendes de Oliveira.

— Esteve em Guimarães, tendo regressado de novo a Vila do Conde o nosso bom amigo sr. Luís Cardoso Martins de Menezes (Margaride).

— Esteve em Guimarães o nosso prezado conterrâneo sr. João Eduardo Alves Lemos, residente em Estremoz.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Manuel Marques da Silva Campos.

— Tem estado entre nós os nossos prezados amigos srs. Coronel Luís Pereira Loureiro, Francisco Teixeira de Carvalho e António Bento F. da Silva.

— Com sua família partiu para as suas propriedades de Pencelo o nosso prezado amigo sr. José Mendes de Oliveira.

— Com sua esposa regressou da aldeia o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. dr. Carlos Saraiva.

— Encontra-se com sua família, nas suas propriedades de Souto, o nosso prezado amigo sr. Manuel da Silva Pinto dos Santos.

— Com sua esposa partiu para o Estoril o nosso prezado amigo sr. dr. Gaspar Gomes Alves.

Doentes

Tem passado algo incomodado o nosso prezado amigo e activo vinjante da Casa Bento dos Santos Costa & C.ª Lda., desta cidade, sr. Luís Lima, a quem desejamos o mais rápido restabelecimento.

— Esteve doente mas já se encontra melhor, com o que muito folgamos, o nosso bom amigo sr. José Mendes de Oliveira.

— Tem estado doente a ex.ª sr.ª D.

Aurélia Rodrigues Ferreira da Silva M. Chaves, dedicada esposa do nosso prezado amigo sr. Francisco Matos Chaves.

Desejamos-lhes rápidas melhoras.

— Em Lisboa, onde reside, tem passado, também, ligeiramente incomodado o nosso bom amigo sr. Aníbal José Veloso, hábil representante da Casa Alberto Pimenta Machado, a quem desejamos rápido restabelecimento.

— Também tem estado bastante doente o nosso prezado amigo sr. Joaquim António da Cunha Machado, a quem desejamos as mais breves melhoras.

Pedido de casamento

Pelo sr. Julião Ferreira Moura, abastado proprietário na cidade do Porto, foi pedida em casamento para seu sobrinho o nosso prezado amigo sr. António Dias, activo empregado industrial e digno presidente da Junta da Freguesia de S. Romão de Mesão Frio, deste concelho, a gentil senhora D. Margarida de Sousa Nogueira, filha do sr. António de Sousa, estimado feitor da importante Casa de Paço Vieira e de sua esposa a sr.ª D. Maria José Nogueira.

O auspicioso enlace realizar-se-á brevemente na igreja paroquial daquela freguesia. Aos noivos desde já desejamos muitas felicidades.

CALIGRAFIA

V. Ex.ª deseja que os seus filhos tenham uma boa caligrafia?

Dirija-se à Redacção deste jornal e indicar-lhe-ão pessoa competente para os ensinar, pois é um antigo aluno do professor calígrafo e técnico sr. Lincoln Mendes, do Porto.

Dá-se referências. (423)

SÓCIO

Admite-se com o capital de 40 contos para indústria de panificação já montada, com boa freguesia e com grande expansão, em cidade de grande movimento, ficando a sociedade possuidora de imóveis. (417)

Carta à redacção às iniciais H. P. S.

Casa dos Pobres

Movimento durante o mês de Agosto de 1937:

Subsídio em dinheiro a 145 pobres, 3.897\$50.

Subsídio em dinheiro para renda de casa a 126 pobres, 2.103\$50.

Albergue — Pernoitaram 120.

Subsídio para transporte aos Inválidos, escudos 39\$30.

Refeições fornecidas a pobres — Sopas, 8780; Pais, 8780; Pratos, 1.053; Copos de vinho, 126.

Barbearia — Barbos, 453; corte de cabelos, 138.

Balneário — Banhos, 664; com despioalhamento, 25.

Vestidário fornecido — Casacos, 2; Calças, 2; Camisas, 3; Ceraulas, 4; Bonés, 1; Cobertores, 1.

Cozinha Económica — Refeições fornecidas a operários — Sopas, 1.864; Pais, 2.354; Pratos, 2.727; Copos de vinho, 1.145.

Refeições fornecidas aos presos da cadeia, 779.

AMA DE LEITE. Oferece-se Joaquina Ribeiro — Rua Francisco Agra, 215.

Lã Bem-me-queres

Tricotai pela saúde das vossas crianças!

As vossas crianças serão fortes, vigorosas e protegidas contra todos os resfriamentos se fizerdes os seus agasalhos com a inimitável Lã Bem-me-queres... porque ela é tratada nos Laboratórios da Lã Medicinal, conforme processos científicos absolutamente novos. Macia, asséptica, calorica e rádio-activa a Lã Bem-me-queres, além disso, não pode tornar-se felpuda nem mingar. Existe num grande número de coloridos encantadores.

Encontra-se à venda na casa **Paulino de Magalhães**

102, Praça de D. Afonso Henriques, 103 — GUIMARÃIS

TELEFONE. 230

A casa que todas as senhoras e meninas de requintado gosto preferem

Banco de Barcelos

Fundado em 1875

Agência de Guimarães

Largo do Toural

(Instalações da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JÚNIOR, SUERS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descontos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos. (249)

Tôdas as operações bancárias permitidas por lei.

TELEFONES { BARCELOS N.º 31 GUIMARÃIS . 60

Um apêlo

Já aqui expusemos aos nossos queridos leitores e amigos a situação de uma família para quem pedimos um auxílio. Fizemo-lo confiados na costuma-da generosidade daqueles que nos lêem e nos tem acompanhado já em missões idênticas, o que nos leva a crer que os leitores amigos uma vez mais vão colaborar connosco numa obra que só nos pode encher o coração de alegria ao sabermos que praticamos uma acção generosa.

Há uma família que confia em vós, leitores deste modesto jornal, e nós próprios confiamos também, pois muito desejamos levar-lhe, em vosso nome, aquelas importâncias que nos serão confiadas e tão necessárias são para que uma família inteira, composta por senhoras na sua maior parte, não tenha de ficar sem um lar no próximo S. Miguel.

Apelamos, pois, para todos aqueles que nos leem e pedimos-lhes que juntem os seus óbulos àqueles que já nos foram confiados.

Transporte . . .	45\$00
Uma Senhora . . .	5\$00
Domingos Mendes	
Fernandes	5\$00
Carlos Teixeira Pinto	10\$00
A transportar . . .	65\$00

Francisco Pinto Rodrigues

Advogado

R. Gravador Molarinho — Guimarães
— TELEFONE 172 —

Hotel da Penha

PREÇOS DAS REFEIÇÕES

Almoços, 15\$00; jantares, 17\$00, com 10 % para o pessoal e 5 % para Turismo.

Nos baixos do hotel fornecem-se almoços e jantares a 10\$00 e 12\$00, respectivamente, com 5 % para Turismo. (385)

Lêde e propagai o "Notícias de Guimarães",

Aveiro

A todos quantos visitem esta cidade recomenda-se

Pensão Barros

a melhor e que melhor serve. Largo da Estação, Aveiro. Telefone 617.

Internato Académico

anexo ao

Liceu Martins Sarmiento

Telefone: 139

GUIMARÃIS

Telefone: 139

O mais antigo, amplo e confortável Internato Liceal, cujo reclamo é feito pelos próprios alunos.

Instrução Primária com preparação para os exames de admissão aos liceus.

Instrução Secundária com todos os alunos matriculados no Liceu instalado no mesmo edifício.

Instrução Moral e Religiosa com os respectivos cursos de cultura.

Modicidade de Preços.

Enviam-se prospectos a quem os pedir.

Directores

Mons. José Maria da Silva

Padre José Carlos Simões de Almeida

Padre Gaspar Nunes

Manuel da Costa Redrosa.

Casa do Povo, de Ronfe

Uma instituição corporativa, que honra quem a criou e dirige!

O festival realizado nos dias 11 e 12 em benefício da Casa do Povo de Ronfe, esteve muito concorrido, tendo vindo muitas pessoas do Porto, Braga, Guimarães, Fátima, Caldas das Taipas, Pevide e de outras localidades animar e dar concurso a tão prestante e simpática instituição. Nas interessantes barracas de venda de chá, caldo verde, etc. fizeram-se boas transacções pelas quais se avaliou a generosidade e o carinho que a obra em que está empenhada a "Casa do Povo", merecem, a todos. Excedeu a todas as previsões o benefício alcançado, com a iniciativa deste festival, em que a Direcção foi dedicadamente auxiliada pelas Ex.^{mas} Senhoras D. Corina Folhadela Barbosa, D. Maria Emilia Folhadela de Melo, D. Maria Manuela Folhadela de Melo, D. Maria Emilia Folhadela Marques, D. Maria Elisa Folhadela Moreira, D. Rosa Martins, D. Olinda Martins, D. Maria Emilia Ribeiro, D. Elvira Bourbon Baptista, D. Maria da Luz Barrosos, D. Elena Barroso, D. Engrácia Martins Fernandes, D. Laurinda Correia Mesquita Diniz, D. Engrácia de Sousa Lobo, D. Maria de Xavier Campos e D. Maria Elena Menezes Pinto a quem se deve em parte o bom êxito obtido, pois não se pouparam a trabalhos nem a sacrifícios. A direcção está penhoradíssima a tão generosas e dedicadas auxiliares. Dos desenhos das barracas e da direcção da sua execução encarregou-se o Ex.^{mo} Sr. Flávio Folhadela Marques Moreira que apresentou um trabalho verdadeiramente interessante que a todos encantou. As barracas todas diferentes, com decorações apropriadas eram de um efeito surpreendente. Foi também um bom amigo da "Casa do Povo", que veio colaborar nesta festa, auxiliando a direcção com dedicação, sacrifício e generosidade. O festival decorreu sempre com entusiasmo, e na melhor ordem, tendo deixado em todas as pessoas que o presenciaram a melhor e mais agradável impressão. Bom foi que assim tivesse acontecido, para prestígio e engrandecimento da Casa do Povo de Ronfe, conforto da direcção e das gentis Senhoras que com ela trabalharam e para satisfação de todos que de qualquer forma tem contribuído para o desenvolvimento desta prestigiosa instituição corporativa.

A **Barraca do Caldo Verde**, tinha por chefes as ex.^{mas} Senhoras: D. Maria Elena Menezes Pinto, D. Maria Emilia Folhadela de Melo, D. Rosa Martins e como auxiliares: as ex.^{mas} Senhoras D. Maria Emilia Ribeiro, D. Elvira Bourbon Baptista e D. Maria da Luz Barroso, D. Engrácia Martins Fernandes e D. Engrácia de Sousa Lobo.

A **Barraca do Chá**, tinha como chefes: as ex.^{mas} Senhoras D. Corina Folhadela Barbosa e D. Olinda Martins e como auxiliares: as ex.^{mas} Senhoras D. Maria Emilia Folhadela Marques, D. Maria Elisa Folhadela Moreira e D. Laurinda Mesquita.

A **Barraca de Cerveja e Tremoços**, tinha como chefe a ex.^{ma} Senhora

D. Maria Xavier de Campos, e como auxiliares: a ex.^{ma} Senhoras D. Elena Barroso, D. Maria Manuela Folhadela de Melo.

Além destas viam-se no recinto, que estava vistosamente engalanado e iluminado, muitas outras barracas de tombola, Kermesse, Pim-Pam-Pum, doces, refrescos, café, etc. formando assim um interessantíssimo arraial, onde nem sequer faltou a típica limonada e a cheirosa alfândega que lindas meninas rigorosamente vestidas à minhota iam colocando ao peito dos visitantes. Depois vinha a menina dos corações e tantas outras, todas movidas pelo mesmo nobre sentimento de colher receita para uma obra grandiosa que, a olhos vistos, por entre o entusiasmo e a dedicação de muitos e a inveja de

alguns — quem sabe! — está sendo levada a efeito, graças ao esforço e sacrifício de pessoas de boa vontade, num dos pontos mais populosos do concelho — a freguesia de Ronfe.

Foi uma festa encantadora a que nada faltou — a concorrência de muitas centenas de pessoas que ali passaram momentos agradáveis de verdadeiro prazer espiritual, música, fogo de artifício e, além de tudo isto, sorrisos e olhares belos de senhoras gentis.

As barracas onde notamos mais movimento, se bem que todas tiveram uma concorrência excepcional, foi nas do chá e do caldo verde. Ali mesas artisticamente postas com toalhas de linho e fina renda, aqui as malgas da região onde — o magnífico caldo verde fumegava, o pão de milho e o vinho servido em canecas de barro. E antes do caldo o arroz de frango, o cabrito,

os bolinhos de bacalhan e tantos outros petiscos.

Foi, enfim, uma festa encantadora, que sabemos ter dado óptimos resultados, o que é motivo para que aqui louvemos os seus organizadores e todas as pessoas que contribuíram para o seu brilhantismo.

O festival foi visitado pelo Ex.^{mo} Sr. Tenente Artur Lameiras, digno administrador do Concelho, a quem a Direcção da Casa do Povo apresentou os seus cumprimentos.

O "Notícias de Guimarães", agradece as gentilezas que lhe foram dispensadas por várias pessoas, naquele festival, e especialmente pelo Sr. António Teixeira de Melo, grande impulsor da Casa do Povo.



MARCA REGISTRADA

A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarães:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

(216)

Praça D. Afonso Henriques, 70

Grandes
Vinhos
Espumantes
Naturais



Agente em Guimarães:

SEBASTIÃO TEIXEIRA DE AGUIAR

CAVES DA RAPOSEIRA

LAMEGO - PORTUGAL

AGÊNCIAS:

LISBOA: BENARUS, LDA. - Remenda 100. T.25674.

PORTO: A. LUCENA. - R. Bom Jardim 380. T. 1715.

AGRADECIMENTO

A Família do saudoso P.^o Francisco Leite de Faria julga ter agradecido a todas as pessoas que lhe apresentaram condolências ou de qualquer modo significaram seu pesar por tão infausto acontecimento. Porém, como possa ter havido qualquer falta involuntária, vem por este meio repará-la, tornando público o seu indelével reconhecimento.

Guimarães, 17-9-1937.

Arcaria usada

própria para balceiros ou teneis.

Vende em bom estado

Amadeu Esteves & Irmão
Covas — Guimarães. (422)

D. Maria José Leite

Sua Família, na impossibilidade de poder agradecer directamente a todas as pessoas que assistiram ao seu funeral ou que neste doloroso transe compartilharam da sua dor e lhe significaram de algum modo a sua estima e amizade, vem, por este meio, pedir desculpa de qualquer falta que involuntariamente tenha cometido e testemunhar a todos o seu mais profundo reconhecimento.

Guimarães, 19 de Setembro de 1937.